

**Entrevista com o delegado titular da Delegacia de Repressão às Ações Criminosas Organizadas e Inquéritos Especiais (DRACO) Dr. Cláudio Ferraz, realizada em 20 de maio de 2008.**

**1- Como o senhor define “milícias”? Qual o contexto histórico em que surge(m) a(s) milícia(s)? Qual o papel da população local neste surgimento?**

As milícias são grupos que dominam determinadas áreas. Hoje, milícia é o nome fantasia de grupos de policiais ou agentes do estado que dominam uma determinada região e se apresentam dizendo que estão defendendo a própria população local contra a ação do tráfico, isto porque se identificou que o traficante é o grande problema da insegurança. Nós definimos, tecnicamente, milícia como estes grupos de policiais que se apresentam nestas circunstâncias (domínio territorial), mas tanto a milícia (grupo de policiais) quanto o traficante ou qualquer grupo que domine uma comunidade, pode ser considerado como um grupo miliciano, até porque as atividades são idênticas, tirando algumas peculiaridades. Os milicianos policiais, agentes do estado, que se intitulam protetores em determinada região atuam da mesma forma que o traficante. Se assistir o filme “Gangue de Nova Iorque”, verá que aquele grupo que dominava Nova Iorque naquele período tinha a mesma filosofia de dominação territorial, cobrança de taxas e conivência com a política local. Então se pegar este filme poderá ver uma absoluta semelhança com o que está acontecendo aqui, como acontece em qualquer local do mundo. Existe um grupo forte, que se impõe pela barbaridade, pela brutalidade, pelo poder que tem para subjugar a população e tirar dela o sustento do grupo.

Há um único motivo para o surgimento desta milícia, deste contexto, deste domínio, por estes grupos fortes que se sobrepõem à população, que é a falta de estado eficiente, permitindo que naquele território não se exerça o direito de ir e vir, a liberdade de expressão, a liberdade política, enfim, a liberdade em qualquer sentido. Se há o domínio destes grupos ali, é porque o Estado não está cumprindo a sua função de prestar serviço de segurança e justiça equânime para todos, resumindo: nós não temos um estado democrático de direito de fato na cidade.

Há um tempo, eu estava investigando um grupo bastante violento, e uma repórter me perguntou o que mais me chocava, imaginando que fossem os homicídios, mas não são. Uma pessoa acabou de me ligar dizendo que mataram o filho com oitenta tiros nos órgãos genitais e no rosto, isto não me choca. O que me choca é o absoluto domínio da população, é o fato de um grupo dominar, obrigar a votar e comprar a água, o gás e o desvio de “gato-net” de quem ele mandar, assim como cobrar pelo

pagamento da taxa de transferência da propriedade, pela circulação pelo bairro, pelo transporte, transação comercial. Então o que mais me choca é o domínio absoluto da população naquela área ali, chegando ao requinte de termos ocupações irregulares promovidas por estes grupos que, inclusive, arregimentam quem vai morar lá dentro, e imediatamente definem quem é o homem forte que domina aquela comunidade, que se impõe ali pela morte, pela violência, pelo domínio político e das atividades comerciais a na região, depois vem os órgãos públicos e colocam um “asfaltozinho”, montam uma “associaçãozinha”. Isto é o que mais me choca.

Como a população não tem segurança nem a prestação de serviço de justiça adequado, então em um determinado momento histórico ela era subjugada pelos traficantes que dominavam esta região com o tráfico de entorpecentes e pela violência gerada pelo confronto entre eles - para o domínio da região onde tinham as suas bocas - e com a polícia. Surgiram estes grupos de policiais que, em um primeiro momento, fizeram com que a população tivesse uma idéia dos integrantes destes grupos - como se tem hoje quando se vê uma novela na televisão - daquela figura emblemática, daquele homem que resolve coisas com uma sabedoria oriental, isto tudo é mentira, isso tudo é conversa fiada, o objetivo destes grupos é dinheiro e poder, então tudo isto no final da ponta é conversa fiada. Então qual é o papel da população local neste surgimento? Ela era subjugada por um grupo (traficantes), surgiu uma oportunidade e eles começaram a dar apoio a estes grupos (milicianos). O interessante é o seguinte, eu investiguei uma milícia que a população chegava aqui dizendo que o grupo que tomou conta da comunidade cometia crimes bárbaros, nós atuamos e fizemos o que tinha que fazer, a liderança do grupo foi presa, logo depois elementos da população vieram e disseram que voltou uma violência maior ainda. Então o que acontece: eles não querem nem milícia, tráfico nem querem ninguém que cerceie a liberdade deles, e também não querem um estado policial com quinhentos policiais armados de fuzil lá dentro. A população quer segurança, não quer aborrecimento, ele quer ter liberdade de ter a possibilidade de exercer a sua atividade, ele quer ter uma vida normal, mas a verdade é que a população fica como um brinquedo não sabendo para onde vai. O Estado não oferece uma segurança adequada, ai vem o traficante e se estabelece lá dentro, depois vem o miliciano e enfrenta o traficante, depois o miliciano comete exageros e vem a polícia e atua, depois vem o tráfico e assume de novo. A experiência que se tem é extremamente frustrante. A população quer solução para um problema, então surge esse grupo, que também cometendo barbaridade. O problema é que a gente nunca atinge uma meta de equilíbrio para o que a população realmente almeja que é tranquilidade para o exercício do estado democrático de direito. Existem milícias - que você até percebe pela qualidade dos

milicianos - que são originárias da população, da comunidade, mas na verdade este miliciano tem que defender a sua área, porque quando ele assume a figura do paladino ele começa a ser atacado, então, mesmo nestas hipóteses que são raras, ele tem que estar armado e terá um estado de beligerância porque naquele pequeno universo ali ele vai ser atacado pois outros grupos vão tentar tomar e expandir a sua área de atuação.

**2- Conforme tem sido noticiado, nos últimos 18 meses cresceu o número de milícias em favelas do Rio. Há alguma relação entre esse crescimento e o aumento das ações repressivas contra os grupos responsáveis pelo tráfico de drogas?**

Tem caso de favelas que foram criadas pelos próprios interessados em criar áreas de domínio. Então tem área de ocupação que se transforma em favela, porque isto é um grande negócio.

Você encontra hoje um soldado ou um agente em início de carreira de ambas as corporações ou soldado bombeiro com uma Mercedes Benz, uma BMW, carros blindados, morando em regiões nobres da Barra e da Zona Sul, com lanchas de trinta e quarenta pés. O camarada é um soldado extremamente violenta, corta a cabeça dos outros, mata, taca fogo nos corpos e tudo mais, decide tudo ali. Você que é policial e também disputa troca tiro na rua, vendo o seu salário que não é digno para um policial, não é um salário que dê condições para ele oferecer meios de progresso para a sua família, e disputa o mesmo risco do outro. O cidadão ao lado está com uma Mercedes Benz, o que ele na simplicidade da cabeça dele imagina, “eu vou também embarcar neste caminho”, e cada um começa a avançar em áreas e dominar a suas áreas, é como eu havia falado: é um verdadeiro retorno ao passado, são as gangues de Nova Iorque, onde cada um pega o seu pedacinho de terra, “para entrar o gás tem que pagar para mim”, “se você quer passar com o seu táxi ou a sua kombi, você vai ter que pagar”, isso gera uma remuneração que não é pequena, é muito dinheiro, então este é um dos motivos do aumento das milícias nesses últimos meses. Mas temos notícias de 2005 do incremento da violência brutal, e uma das coisas que incrementou esta questão, transformando grupos de extermínio ou policiais que exerciam poder nestas regiões nessas milícias organizadas foi o transporte alternativo - que até hoje não está regulamentado -, isto trouxe uma remuneração astronômica. O que era um faturamento enorme para as empresas de ônibus, migrou para essas cooperativas para esses grupos que são, hoje, dominados por milicianos que estão armados e ainda tem o poder policial. Eles exercem o mesmo poder, a mesma forma de atuação

do traficante só que eles têm disciplina, um grau cultural superior, tem um treinamento, tem o poder de polícia, tem o poder de ser de órgãos estatais, capaz de integrar órgãos estatais, na prática, a remuneração principalmente disso depois evoluindo para todo o comércio de gás, água, desvio do sinal de gato net, tv a cabo, mais a cobrança de proteção, a remuneração disso se tornou absolutamente atrativa. O policial que não tem condições de se sustentar coloca o olho no outro que teve o arrojo de formar um grupo destes, ele vai embarcar nesta também, isso é uma coisa natural, então o que acontece: nós começamos a conviver, em 2005, com o incremento da violência porque começaram a disputar mercado e mais ainda começaram a disputar apoio político, então, tem milícia que apoiou candidatura a deputado federal, que apóia indiretamente senadores, que apóia deputados estaduais, vereadores. Então nós temos apoio político para esses grupos, isto também é uma questão natural, se, por um grupo, o domínio total da população, a campanha política nesta área e a definição de quem vai ganhar ali será a do xerife que detém o poder de vida e morte das pessoas daquela comunidade, porque o terror é enorme, não se tem idéia de quanto a população é aterrorizada, nós temos relatos que quando o líder miliciano chega a determinadas reuniões a fisionomia das pessoas muda. O terror é enorme. São mortes emblemáticas, quando se comete homicídio não se comete a toa, se comete para criar um terror absoluto.

Só se insurge contra isso quem tem uma verdadeira loucura na cabeça, porque a coisa não é fácil. Vai procurar quem? A delegacia? O Batalhão? A Justiça? A onde? E quem é que tu vai correr atrás? O domínio da população é absoluto. E você sabe muito bem que quem está eleito, que está lá, por sua vez estava apoiando o mesmo grupo (milicianos). Você vai recorrer a quem? Nessa teia enorme de problemas. Vai buscar a quem? A população sabe o que acontece. Então é extremamente complicado. Cresceu o número de milícias? Eu não tenho dados, mas o número é grande. Nós já temos informações de comunidades, de favelas, que foram vendidas porque não havia mais interesse da manutenção da milícia ali. Como também, nós temos informações de favelas que foram criadas para aumentar o volume de milícias. E de milicianos que tomam favelas. Então hoje não existe uma regra, hoje existe um mercado. Como também têm milícias formadas por policiais, ex-policiais, ex-agentes penitenciários, ex-agentes do corpo de bombeiros, têm militares. Nós temos marginais, nós temos a população. Outro dia eu recebi uma informação de umas pessoas que estavam fazendo um trabalho dentro de uma favela, que conversaram com um cidadão que catava lixo. E durante a conversa, o camarada disse num desabafo: "Vocês estão me vendo aqui de manhã, mas a noite vocês não sabem qual é o poder que eu tenho porque me botam com uma 'doze' na mão". Então veja só a que ponto a

coisa está chegando, realmente não é uma coisa muito fácil de se combater. Agora houve aumento? Houve. Aumentou a lucratividade, se transformou em um bom negócio. Por que não vai aumentar?

**E esse aumento ele está relacionado ao aumento da repressão contra o tráfico de drogas?**

Não, porque esse negócio aqui é meio complicado. É um tópico meio complicado. O que se diz aí, eu também não posso confirmar, é que o próprio consumo de drogas diminuiu. Até porque houve uma mudança do perfil: drogas sintéticas, “esticas” (ponto de venda de drogas fora da favela), o próprio consumidor não querendo ir comprar nas bocas por causa da violência das favelas. Enfim, as favelas perderam muito daquela atratividade de duas décadas atrás, uma década atrás. Então isso é um diferenciador. Agora essa repressão causou o que? Causou uma situação de beligerância nessas áreas e de certa forma você pode dizer que até tenha criado assim o “romantismo” de algumas milícias que surgiram para reduzir essa brutalidade na área. Eu já tive depoimento de pessoas em determinadas comunidades que simplesmente não estavam dentro da comunidade, dentro da favela, mas eram de ruas próximas e achavam espetacular a presença da milícia ali, porque tem uma determinada milícia por exemplo que realmente fez reinar a paz. O que gerou aquela situação? Se tivesse em um estado de normalidade não teria problema, não surgiria ninguém. Surgiu por quê? Surgiu porque a própria pressão natural da população por causa desses grupos se digladiando fez com que a polícia comesse, cada vez, a atacar mais. Eles começaram a ficar cada vez mais arroçados, cada vez mais arrogantes e automaticamente a polícia foi impelida a cada vez mais fazer um enfrentamento direto ao tráfico de entorpecentes. Na década passada por exemplo nós tínhamos aquelas figuras emblemáticas, aqueles grandes chefes do tráfico. Hoje você não tem mais aquela figura, aquele grande chefe do tráfico. Tem um ou outro “gato pingado” aí. Mas você não tem mais aquela referência “a favela tal é do camarada tal, a favela tal é do cidadão X, a favela tal é do domínio do traficante Y”. Então é possível que tenha dado uma contribuição? Sim. Agora a grande contribuição disso é exatamente nós não termos uma normalização em toda a cidade, e um serviço de segurança e justiça criminal. Isso aí sem a menor linha de dúvida. Porque aí automaticamente começa a gerar o que? Começa a gerar o surgimento desses grupos, desses “paladinos”, como acontece no mundo inteiro. Aonde existir espaço, vai ser preenchido. Isso acontece no mundo inteiro.

### **3- Que particularidades diferenciam ou assemelham a relação entre a polícia com a milícia(s) e a polícia com os grupos envolvidos no tráfico de drogas nas favelas?**

Você tem que admitir que essas milícias são formadas por agentes do Estado. Então isso cria inevitavelmente um problema grande. Por exemplo: Nós temos aqui uma milícia que dominava toda Zona Oeste, e chefiada por policiais, que, por sua vez, tem um deputado e um vereador. Eles são policiais que trabalham no teu mesmo ambiente, que conhecem a tua rotina, sabem quem você é. Por exemplo, se for prender um traficante em uma comunidade da Zona Norte, dificilmente você vai encontrá-lo em um shopping na Zona Sul. E o miliciano você encontra. Eu já fui prender milicianos em “points” em Ipanema e no Leblon. Então eles freqüentam. Há um mesmo nível. Eles sabem onde você trabalha, sabem como você trabalha. Eles têm grupos de apoio no ambiente político, têm grupos de apoio na justiça. Ou seja, é um outro tipo de personagem. E que cada vez se transforma em uma coisa mais perigosa porque é cada vez mais para defender a remuneração, que não é pequena, eles são obrigados a buscar os meios necessários para não ter perda de espaço. Então o risco é bem maior. Por exemplo: A gente costuma muito brincar na polícia que prender “pé de chinelo” é fácil. É como se fossem dois mundos. Você vai lá prende o “Pé de chinelo” você tem um distanciamento grande. Milícia formada por policiais é uma coisa meio indiferente. Porque ele está no teu “metier”, ele sabe como você trabalha, ele sabe a freqüência do teu raciocínio. Ele sabe a lógica do teu trabalho. Então não é a mesma coisa. Não é mesmo. É bem diferente. O risco é infinitamente maior.

### **4- Como poderíamos caracterizar o discurso das milícias a respeito do tráfico de drogas? Qual seria a aceitação pública desse discurso?**

O discurso é de que a milícia está lá combatendo o traficante. Eu até acredito, que algumas cabeças simplórias imaginam realmente que ele está combatendo. Mas agora, por exemplo: Nós temos registros de policiais de milícias que estupram, já mataram, roubam, contratam ex-policiais expulsos da Polícia porque cometeram crimes, contratam marginais para poder servir de “patrulheiros” no domínio da sua área de recruta. Ela passa a ser uma área completamente dominada. E então vai navegar aquela população ao interesse do seu dono. E não é um dono eleito, não é um dono que teve mérito para assumir aquilo. É um dono que assumiu porque é forte, tem poder, “e era comigo mesmo e dane-se, e ponto!”. “Quem não quiser morre”.

Pronto, voltamos à barbárie, à idade média, aos baronatos. Então “isso aqui é meu!”. “Ah, mas surgiu alguém que quer combater”. “Mata”. Pronto! “Mas mata com cinquenta tiros para o outro do lado se desanimar.” Para exatamente se “desanimar” e não querer também mais um enfrentamento. “Porque eu estou dominando o meu patrimônio, a minha área”. E como não é uma área legitimamente atingida. Como é que eu vou dominar? Pela força. “Mexeu, morreu.” Pronto. “Vai tomar um calor”. “Vai ter que sair”. Então a caracterização do discurso no primeiro momento é a de combate do tráfico de drogas. Até para buscar uma legitimidade. Mas não é o que nós estamos vendo. E mesmo as que eventualmente tenham atingido isso, eles vão cair na armadilha porque são obrigados a se impor também. É aquela história: “se eu estou lá...não fiz concurso, não tenho mérito nenhum para estar assumindo aquilo, não fui testado, assumi porque eu tenho as armas”. Se amanhã alguém do lado olhar assim e falar: “Vou disputar com você.” Qual é a resposta? “Ah, está bom. Você assume que eu estou saindo.” Não será assim, naturalmente! E também não vão aos tribunais discutir, porque não há legitimidade para aquilo. Então naturalmente você pode ter certeza que o resultado não será nada, de boa aceitação. Agora em relação ao que o público define em relação a esses discursos, eu posso te dizer o seguinte: Há uns anos atrás, houve uma operação quando começou a ter uma série de arrastões nas praias. Eu presenciei um “popular” na areia dizer o seguinte: “Caramba, mas nós não conseguimos nem tomar banho de mar. Agente está aqui aí vem os garotos, vem os pivetes, delinqüentes e fazem arrastões e nos roubam”. Automaticamente a resposta da polícia veio de imediato e aquilo ficou cheio de policiais. Logo em seguida, veio um cidadão dizendo: “Caramba, isso aqui está cheio de policia, a agente não tem nem ambiente para tomar banho de mar.” Aí um policial chegou, era um coronel da policia militar ou um delegado de policia, e falou assim: “Caramba, mas a população também não sabe o que quer. Quando tem um marginal, reclama que tem o marginal. Quando tem o policial reclama que tem o policial.” Mas o raciocínio é o seguinte: A população que quer ir a praia não quer ninguém roubando, e não quer ninguém de coturno com o fuzil do lado. Ele quer segurança. Como é que você vai fazer é problema seu. Não é dele. Ele quer deitar na areia, e tomar o “solzinho” dele e tomar um banho de mar. Ponto. A população quer tranqüilidade, liberdade e uma vida tranqüila e ordeira. Como é que vai ser atingido isso não é problema dela. Ela fica entre a cruz e a “caldeirinha no fogo”, então o que acontece: Aí vem o traficante e impõe. Qualquer grupo que entra em uma comunidade para se impor a população não vai querer. Agora, qualquer um que entre, e diminua o problema ele vai ter aceitação. Deu para entender? Mas nunca é o ideal. Nunca é o ideal. O que ele quer? Ele quer tranqüilidade. Mas como ele não

consegue, já desistiu. Como é que ele vai fazer? “Quem chegar aqui e me oferecer uma redução na barbárie, eu estou satisfeito” Então em tese é isso.